



PATRIMÔNIO MATERIAL E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DOS XETÁ EM UMUARAMA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4028

Murilo Rebecchi, UEM

Resumo

O município de Umuarama está localizado na região noroeste do Estado do Paraná, o município de Umuarama foi fundado em 26 de junho de 1955 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), e em 25 de julho de 1960 teve sua emancipação política. Durante o processo de transformação do território que constituiu parte do município de Umuarama, a presença de indivíduos da etnia Xetá foi marcante e devidamente registrada por diversos trabalhos produzidos no ambiente universitário/científico. Contudo em virtude das demandas econômicas sabe-se que, quase em sua totalidade a etnia Xetá foi esvaída. No município de Umuarama, que atualmente não conta com nenhum remanescente desta etnia o que se tem são alguns espaços de memória e representação que estão amparados através da Lei Orgânica Municipal – reeditada em 2012, como Lei n. 010 onde em seu Capítulo V – há o dispositivo legal que vigora em relação à preservação dos bens públicos de natureza histórica/cultural, onde fica sob responsabilidade do poder público zelar por estes patrimônios; e sobre estes patrimônios temos como interesse da pesquisa produzida e reproduzida neste trabalho, apontar para os lugares de representação e memória do povo Xetá no município de Umuarama e a partir de então, refletir em torno das interpretações coletivas construídas em relação a estes lugares de representação e memória.

Palavras Chave:
PATRIMÔNIO;
UMUARAMA; XETÁ.

Introdução

Localizado na região noroeste do Estado do Paraná, o município de Umuarama¹ foi fundado em 26 de junho de 1955 pela CMNP, e em 25 de julho de 1960 teve sua emancipação política. Através de uma Lei Orgânica Municipal² – reeditada em 2012, como Lei n. 010 onde em seu Capítulo V – há o dispositivo legal que vigora em relação à preservação dos bens públicos de natureza histórica/cultural, onde fica sob responsabilidade do poder público zelar por estes patrimônios, e na forma da Lei observamos:

Art. 175. Os bens materiais e imateriais referentes às características da cultura, em Umuarama, constituem patrimônio comum que deverá ser preservado pelo poder público municipal com a cooperação da comunidade [...]: V - os conjuntos urbanos e sítios de valores históricos, paisagísticos, artísticos, arqueológicos, ecológicos e científicos.

Desta forma elucidasse a obrigatoriedade do poder público em preservar os espaços de relevância cultural ou histórica. O que se pode constatar aqui é a existência do dispositivo que garante a salvaguarda dos lugares de memória locais. A partir daqui então queremos apresentar estes espaços e com isso apontar por meio dos depoimentos colhidos sobre estes lugares pontuar o imaginário popular sobre os mesmos.

Vale destacar que a utilização da história oral por meio dos depoimentos colhidos dos atores sociais dos espaços que delimitamos enquanto fontes de nossa

pesquisa deixam de ser meramente um desdobramento do lembrar já que entendemos como fontes fundamentais para trazermos elucidado o imaginário de frequentadores e demais moradores a respeito destes espaços de memória – quando fazem alguma ligação com o passado – e também a representação que dão a estes espaços quando relacionamos tais espaços com o índio

Como um destes espaços de memória do município de Umuarama, gostaríamos de apresentar a “Praça dos Xetá” – localizada no Parque Dom Pedro – foi inicialmente aberta provavelmente no ano de 1963 durante a gestão do prefeito Henio Romagnolli.³ No entanto é importante deixar claro que, durante a nossa pesquisa nos deparamos com o problema de não encontrarmos qualquer documento de caráter legislativo que comprove com exatidão a data de criação deste espaço, para tanto utilizamos como fonte os testemunhos de moradores do entorno desta praça, dentre os quais o testemunho do Sr. Raimundo Dantas dos Santos⁴ (76 anos) que sobre a fundação da praça disse⁵:

“isso aí ah! mais ou menos foi no do Henio Remagnolli ainda, é aqui foi feita, era só tinha a praça”.

Em seu depoimento ele relata ainda que, durante um tempo havia apenas a praça referindo-se ao fato de que a mesma não estava pavimentada como hoje a encontramos “era só tinha a praça, nada disso, foi feito na(...)foi no

¹ É criado o Município a partir da Lei 4.245 de 25 de Julho de 1960.

² Lei Orgânica Municipal de Umuarama: 010/2012: Capítulo V : Artigo 175.

³ Henio Romagnolli assumiu o governo municipal sendo o primeiro prefeito do município de Umuarama, exercendo suas atividades administrativas entre os anos de 1961 e 1964.

⁴ O senhor Raimundo contou-nos também uma situação um tanto inusitada. Ele durante um bom tempo criava carneiros no espaço da Praça, antes claro da pavimentação que a mesma recebeu, ficando conhecido pela região como “Raimundo dos carneiros”.

⁵ Entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Dantas dos Santos, 76 anos, à Murilo Rebecchi em Umuarama no dia 19 de maio de 2013.

Romero⁶”.

A referência feita ao “Romero” – que foi prefeito do Município de Umuarama entre os anos de 1983 e 1988 – se refere a revitalização e pavimentação desta praça. Atualmente a praça se encontra em um estado bom de conservação, no entanto, não encontramos na mesma qualquer identificação que a registre como “Praça dos Xetá”, o que temos enquanto fonte que nos assegura que esta praça possuiu tal denominação é o testemunho daqueles que indagamos.

Algo que nos chamou a atenção em relação a este espaço é o fato de que embora localizada no perímetro urbano, muitos dos moradores de outras partes da cidade sequer sabiam da existência desta praça quando nos dirigimos a estes para uma conversa fazendo referência exatamente a este espaço. E aqui nos deparamos então com o problema do sentimento, ou neste caso da falta do sentimento de pertença e da não identificação de muitos deste espaço como sendo um lugar de memória que busca ou poderia buscar a preservação da memória do índio Xetá. Isto nos faz pensar de acordo com Polak (1992) quando o mesmo pondera em relação a memória entendendo-a enquanto um elemento que constitui o sentimento de identidade seja esta individual ou coletiva (POLAK, 1992). De modo que poucos são os moradores que possuem conhecimento relacionado a etnia Xetá, ou então quando há, ocorre de uma maneira estereotipada por meio do discurso que durante muito tempo povoou o imaginário em relação a existência, ao modo de vida ou ao gradativo desaparecimento deste povo.

Outro espaço que faz referência ao povo Xetá, a “Avenida dos Xetás” é logradouro que se inicia na Praça dos Xetá. Na imagem a seguir podemos identificar exatamente onde começa este logradouro:



Figura 1 - Praça dos Xetá em Umuarama
Fonte: Acervo de Murilo Rebecchi (2013)

A avenida foi aberta durante a gestão do prefeito Henio Romagnoli – mesmo período correspondente ao momento da criação da “Praça dos Xetá” – e possui uma extensão de aproximadamente três mil e quatrocentos metros de extensão. É uma avenida que está localizada em uma área de residências, centros comerciais e centros de educação, ligando as Zonas VI e, V e IV da cidade. A foto a seguir corresponde a uma das placas de identificação e uma imagem deste logradouro:

Ao longo da nossa pesquisa estivemos, em diferentes regiões deste logradouro, conversando com residentes e trabalhadores, pudemos perceber que a representação destes moradores/trabalhadores em relação aos Xetá são vagas, fragmentadas e aparecem em frases como “eles moravam aqui quando tudo era mato”. São resultantes de conhecimento que estes moradores trazem segundo eles próprios de conversas tidas ao longo dos anos. O que mais pudemos notar é que, para os residentes ou mesmo para os trabalhadores desta avenida não há uma ideia que possa de fato referenciar o lugar ao povo indígena Xetá. Quando perguntamos a uma trabalhadora de um estabelecimento comercial sobre o fato de que a avenida possui este nome, o que ouvimos foi: “o nome da Avenida é por causa dos índios né?!?”.

Desta forma, evidencia-se que, estes dois espaços – Praça dos Xetá e

⁶ Antônio Romero Filho foi prefeito de Umuarama de 19/02/1983 a 31/12/1988.

⁷ A trabalhadora, operadora de caixa, Juliana foi entrevistada em Maio de 2013.

Avenida dos Xetás – embora recebam o nome do povo Xetá não são suficientes de modo que haja um sentimento de resguardo efetivo da memória Xetá. São vistos como espaços urbanos qualquer, isso mais uma vez nos leva a pensar na questão de que, para que um lugar exerça função de “lugar de memória” o mesmo precisa ser entendido como pertencente a um grupo. Concluímos assim que, mesmo havendo estes espaços que referenciam o povo Xetá não são suficientes, a nosso ver, para cumprir sua função patrimonial, a de dar sentido histórico a um lugar, e consequentemente de trazer o sentimento de pertença ao grupo que interage com estes espaços.



Figura 2- Avenida dos Xetá em Umuarama
Fonte: Acervo de Murilo Rebecchi (2013)

Em Umuarama ainda existe um terceiro espaço urbano dedicado ao povo Xetá: o “Parque Municipal dos Xetá”⁸.

Ele está localizado no perímetro urbano de Umuarama, tendo sido criado quando da abertura da cidade em meados da década de 1950. O Parque Municipal dos Xetá está disposto em uma área de 19,98 hectares, entre o centro da cidade e o Jardim Panorama. O Parque é

⁸ Fazemos nota também que, não tivemos sucesso na localização do Decreto que determinou a criação do Parque Municipal dos Xetá em Umuarama; na tentativa de encontrar este documento fizemos pesquisas junto a Biblioteca Municipal, bem como ao Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal, ainda estivemos buscando junto a Câmara de Vereadores e também na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente.

comumente conhecido pela população local como “Bosque do índio”. A imagem a seguir mostra-nos a entrada principal do “Bosque do índio”:



Figura 3 - Parque Municipal dos Xetá em Umuarama
Fonte: Acervo de Murilo Rebecchi (2013)

Embora a imagem demonstre uma organização e um cuidado com o Parque Municipal vale destacar que, durante 10 anos o “Bosque do índio” esteve sem qualquer tipo de cuidado por parte da administração pública municipal. De acordo com uma matéria veiculada no dia 12 de abril de 2012, “Bosque do índio está abandonado há mais de 10 anos, segundo morador, que filmou grama alta, lixo jogado no chão e banheiros depredados”. Em depoimento o morador⁹ descreve:

(...) “ eu conheço o bosque desde que foi inaugurado, já teve fases que ele estava muito bem cuidado, limpinho, bem arrumado. Mas, há mais de 10 anos está abandonado”¹⁰.

Em conversa com o morador, ele nos confirmou a cena que descreveu no ano de 2012:

⁹ Odair Delgado Sanchez Júnior é morador de Umuarama, atualmente é Professor de Geografia.

¹⁰ Entrevista concedida a RPC TV em 11 de Abril de 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/pr/parana/vc-no-g1-pr/noticia/2012/04/internauta-faz-video-para-mostrar-abandono-de-bosque-em-umuarama.html>. Acessado em 3 de junho de 2013

“realmente, durante 10 anos o Bosque não tinha nenhum cuidado, estava sem segurança, muito sujo, com mato para todo lado... foi muito triste ver tudo isso, não consegui ficar sem fazer nada e decidi fazer a filmagem e mandar para a emissora”.

Em nota a Prefeitura Municipal por meio da assessoria na ocasião da denúncia explicitou que uma empresa já havia sido contratada em novembro de 2011 e a empreiteira teria até julho do ano de 2012 – durante este período o Parque ficou fechado para o público - para concluir a revitalização do Parque. Após a conclusão da obra o Parque foi reaberto – obra que foi concluída totalmente apenas este ano -; atualmente o “Bosque do Índio” abriga em sua sala a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente.

Como monumento ao povo Xetá o Bosque conta com uma estátua em cimento (ver figura 6) e alguns afrescos com ilustrações fazendo menção ao cotidiano indígena. Sobre estes afrescos afigura abaixo nos mostra o imaginário que se em relação ao índio:

Embora haja por meio da Lei Orgânica Municipal, em relação ao “Bosque do índio” o que foi possível detectar é um despreparo para o cuidado que se deve ter com um lugar entendido como patrimônio. Em grande parte, esta situação contribui para que sintamos falta de um sentimento efetivo dos munícipes em relação ao Parque Municipal e a relação deles com os índios Xetá.

Outro lugar que nos faz pensar sobre o povo Xetá é o Distrito Municipal de Serra dos Dourados, criado a partir do Decreto 4.211 de 6 de janeiro de 1961 em seu artigo 3º., o qual dispõe:

“No município de Icaraíma,¹¹ o de

Serra dos Dourados com sede na localidade de mesmo nome [...] começa no Rio Veado, no ponto de encontro da linha de divisa de terras, entre as glebas 1e 5 [...] depois pela das glebas 2 e 11, e ainda na linha de divisa entre as glebas 11 e 16”.

No ano de 1980 por meio do Decreto¹² de número 7.333 o Distrito Administrativo de Serra dos Dourados teve seu território redefinido:

“Inicia no Córrego Água Bonita no Rio do Veado, por esta água acima até sua nascente [...] por água abaixo até sua foz no Ribeirão 215 [...] desce pelo Ribeirão 215 até a foz do Ribeirão Vale Verde; do Ribeirão Vale Verde até a Estrada Piava [...] pela dita estrada chegava-se a cidade de Umuarama”.

Na imagem a seguir podemos visualizar o Distrito de Serra dos Dourados:



Figura 3- Distrito de Serra dos Dourados, Umuarama

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Umuarama (2012)

Embora o Distrito receba o nome Serra dos Dourados – região descrita como sendo a região ocupada pelos Xetá - já delimitada no primeiro capítulo deste trabalho (Figura 4 p.30) , o território correspondente fica então a alguns quilômetros de onde originalmente estiveram instalados os acampamentos

¹¹O atual território de Icaraíma foi colonizado pela Companhia Brasileira de Imigração e Colonização (COBRINCO). Tendo sua emancipação política a partir do Decreto 4.245 de 25 de julho de 1960.

¹² Decreto Municipal de número 7.333 de 12 de junho de 1980, publicado no D.O.E no dia 13 de junho de 1980; alterando os limites territoriais dispostos pelo Decreto de número 4.211 de 06 de Janeiro de 1961.

dos Xetá. O Distrito de Serra dos Dourados fica a dezoito quilômetros da cidade de Umuarama, contando basicamente com uma população que depende de atividades ligadas a agricultura familiar. Segundo pioneiros, o nome Serra dos Dourados originou-se devido à grande quantidade de cobras encontradas nas matas (Jaracuçu Dourado), outros dizem que era uma referência à cor dos índios encontrados na região¹³.

Ao entrevistarmos um morador acerca da identificação que ele faz do território, da memória e da forma com que o povo é visto pelos distritais tivemos a seguinte resposta:

(...) “era referente ao habitat dos índios né?... os índios Xetá! Mas é, eles não moravam aqui... ficavam a uns 8 quilômetros pra frente, mais perto do 215”.

Referindo-se a localização que, segundo ele acredita, os Xetá estiveram. É válido destacar que há em torno da figura do índio Xetá e o fato de este por ventura ocupar novamente as terras que originalmente abrigavam os Xetá, certo desconforto quando se fala sobre o tema. A questão foi levantada – a da desapropriação de terras para a criação de uma T.I. Xetá – na região pela Superintendência Regional do INCRA, em um debate ocorrido no ano de 2010 que teve como tema “A etnia Xetá e a ocupação das Terras Indígenas no Paraná” envolvendo o público em geral interessado do tema, além de membros da FUNAI e membros do INCRA.

A possibilidade da criação de uma T.I. trouxe para os moradores do distrito e em especial para os proprietários rurais uma preocupação conforme as palavras do morador Luís Antônio da Silva:

(...) “há um questionamento em torno da desapropriação (...) eles

tem o direito .- Se eles vem pra sobreviver (...) naquela vida de tribo, ou se aquela reivindicação é por conta da terra boa e valorizada(...) Enquanto nação eles tem o direito deles (...) desde que seja pra viver como grupo indígena”.

Destarte fica evidente no discurso dos moradores do Distrito uma resistência em relação ao reconhecimento da existência dos Xetá enquanto agentes de transformação do território noroeste do estado, igualmente, quanto à criação de uma Terra Indígena próxima à localidade, no tocante ao fato que muitos demonstram medo, pois podem perder suas terras, evidenciando portanto que por parte destes proprietários rurais não há o reconhecimento da etnia enquanto pertencente à região, ou então quando há algum reconhecimento este vêm carregado de valores que fazem parte da realidade cultural do não-índio que acaba por classificar o índio como alguém que não trabalha, portanto não necessita de terras.

Um último apontamento que gostaríamos de realizar a respeito da memória presente em Umuarama acerca do índio diz respeito ao seu próprio nome. Este é um neologismo derivado do tronco linguístico tupi, que segundo os registros oficiais da Prefeitura Municipal:

“Originalmente Embu arama, de “Embu” lugar, e “are” cheio de luz, claridade, clima bom... a terminação “ama” significa um coletivo, equivalente a reunião, a muitos “(UMUARAMA, 1990).

Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

“Na língua Xetá, tribo da nação tupi-guarani, Umuarama significa “lugar alto onde os amigos se

¹³ Esta definição sobre o nome Serra dos Dourados é encontrada no endereço eletrônico: <http://www.portalumuarama.com.br/historia/>

encontram”, e hoje a cidade é conhecida como a *capital da amizade* “(IBGE, 2014).

Fica evidente, portanto, os umuaramenses carregam em seu gentílico a sua origem, que por muito tempo tentou ser negada pelo discurso construído por aqueles que buscavam esgotar seus interesses durante o processo de colonização desta terra. Negar a existência ou apagá-la, mas ao mesmo tempo carregá-la no nome, na identidade do município. Carregar, portanto o gentílico “umuaramense” é carregar a história deste lugar, e mesmo que boa parte não se

identifica com o povo Xetá já traz consigo a contribuição deste povo em suas origens. Negar a existência do povo Xetá é desta forma, negar a própria história.

A pesquisa de campo nos permite identificar espaços, inicialmente identificados como espaços de memória do povo Xetá, mas que na grande parte das análises feitas a partir das entrevistas, reflete uma realidade que nos preocupa: o que se tem evidente é uma inexistência do sentido real de memória local, quando verificamos nos relatos do munícipe de Umuarama um referencial bastante simplificado a respeito do povo Xetá.